

Mestre Queiroga

Já lá vão muitos anos (1967). Chegou a Mateus um homem afável e bom. Chegou com a esperança de vingar como mestre e com o propósito de impulsionar a banda e seduzir a população. Mateus era uma terra de artistas com fortes tradições artísticas e musicais. Mateus era um palco inspirador para quem queria aprender música- lugar de excelência na sublimação da *filarmônia* dos sons.

O mestre pugnou até à exaustão para pôr em prática uma nova concepção de vida na Banda de Mateus. Possuidor de uma cultura e fineza de trato apreciáveis. “Tocou” os músicos, transmitindo-lhes o gosto por um sentido poético da música. Havia ainda muitas sequelas de um passado recente que era preciso limar e ultrapassar... com ele surgiu uma nova atitude dos músicos quer no porte quer na execução, que em breve contribuiria para a reconquista de “festas” perdidas. Territórios longínquos que eram de Mateus e que voltariam a pertencer-lhe.

Com mestre Queiroga a banda voltou a ser respeitada nos vários serviços porque o modo como ele verbalizava a eloquência da palavra e a conduzia, a isso *obrigava*. Era incapaz de manifestar qualquer rancor ou advertir alguém de forma incorreta ou indecorosa. Antes, buscava a via inteligente do diálogo, do discurso da pedagogia. Assim, o mestre, conquistava a simpatia e admiração de todos os que o rodeavam. Querendo chamar a atenção ou repreender alguém, usava a expressão carinhosa de “os meus meninos.” Era uma expressão afetuosa e sábia que infundia respeito e admiração. A linguagem dos afetos era pois a sua arma preferencial que lhe granjeava fáceis amizades. Os seus queixumes (tantos! ...) pela falta de músicos e de meios, eram apresentados à direção, não como ultimatums nem arma de arremesso, antes serviam para aferir das necessidades do essencial face a compromissos assumidos.

A sua experiência e delicadeza levaram-no a ultrapassar obstáculos.

Na festa de Ribalonga, a banda estava “curta” de músicos porque os reforços de Lisboa não puderam estar e os aprendizes eram raridades nesse tempo. Mateus confrontava-se, então, nesse arraial com a Banda de Sanguinhedo, bem recheada de bons elementos. Mestre Queiroga desafiado por uma “luta” desigual, é iluminado por uma “estrela” que o conduziu a uma tomada de posição da qual havia de sair vitorioso. Não tendo mais reportório e precisando de mais uma rapsódia para responder a Sanguinhedo, virou-se simpaticamente para a multidão falando-lhe num tom familiar: “Caros amigos, pelos aplausos calorosos que manifestaram nesta rapsódia de seu nome “*Aquarela Popular*” vão ouvir a repetição da mesma.” O povo aplaudiu com palmas e sorrisos.

Compreensivo na irreverência dos jovens valorizava e enaltecia os aprendizes a quem os tratava carinhosamente como filhos. A pedagogia ministrada por ele assentava nos processos mais inovadores do tempo. Em 1972, a seu pedido, responsabilizou-me pelo ensino da escola de música afeta à banda, oferecendo-me metade do que ele auferia como mestre: 500 escudos. Achei demasiado, mas o mestre disse-me que “*nesta altura um bom formador é mais importante que um bom mestre.*”

Em 1973, saiu o primeiro escol de músicos da minha formação: Quatro jovens que iriam suscitar a admiração nos restantes elementos. Em Mafomedes, por sugestão do dedicado músico António Santos Silva a banda dividiu-se em dois grupos para cumprir o horário estabelecido, uma vez que a arruada prevista no programa era de 5 horas calcorreadas em montes e socalcos. O mestre corajosamente, decidiu levar esses quatro músicos e mais o bombo para um lado e todos os outros para outro. O grande grupo chegou primeiro ao largo da festa, aguardando-se ansiosamente que os noviços chegassem a qualquer momento. Perante a expectante aproximação, a vibrante Marcha “Triunfo” fez-se ouvir provocando rasgados sorrisos de admiração, ao mesmo tempo que mestre Queiroga me abraçou dizendo-me que “o futuro da Banda estava ali representado.” De facto, a Banda de Mateus estava de novo relançada. Durante a sua vida (1910-1979) António de Jesus Queiroga foi um exemplo desinteressado de dedicação aos outros, onde a música pontificou como disciplina primeira na elevação moral das pessoas.

Mateus rendeu-se ao mestre e ao homem não o esquecendo. Em Boticas, no remanso da tumba lá está o homem, fardado, com o mesmo aprumo de sempre.